

Pepe Brix ao Diário dos Açores

“Não faltam histórias para partilhar e a fotografia é uma forma de honrar as pessoas”

O facto de ter crescido a ver o pai a fotografar em Vila do Porto, na ilha de Santa Maria, foi o ponto de partida para uma vida ligada à fotografia. Enveredando por um caminho profissional diferente do pai, foi na fotografia documental que Pepe Brix encontrou a sua paixão. Do seu currículo fazem parte grandes projectos, como “Na Rota das Grandes Manchas”, que documenta a pesca do atum nos Açores, ou o trabalho “Código postal: A2053N”, que lhe valeu o Prémio Gazeta de Fotojornalismo, ambos publicados na revista National Geographic. A propósito do Dia Mundial da Fotografia, que amanhã se assinala, ao Diário dos Açores Pepe Brix fala sobre o seu percurso profissional e aponta que a “banalização/vandalização” a que se assiste na informação também afecta a fotografia. Há, contudo, “cada vez mais bons fotógrafos”, com elevando-se a fasquia, mesmo entre os amadores.

POR ALEXANDRA NARCISO

Como nasce na tua vida a vontade de fotografar?

Pepe Brix - Nasci no seio de uma família de fotógrafos. O meu avô, que não era de cá, veio para os Açores e quando chegou cá, com a sua máquina fotográfica, começou a trabalhar em Ponta Delgada. Depois disso, passou a bola para o meu pai, Max Brix, que também se tornou fotógrafo e, de uma forma muito natural, com o passar dos anos a ver o meu pai a fotografar, comecei a trabalhar com ele. Comecei por fazer um trabalho muito comercial, típico destes negócios familiares e, mais tarde, acabei por tomar o gosto pela fotografia documental.

Dos trabalhos com o teu pai ao fotójornalismo e à fotografia documental está uma grande distância...

PB - Sim. Há obviamente uma grande diferença entre aquilo que se faz num negócio muito virado para a comunidade local, com as festas religiosas, sociais, actividades culturais que acontecem na ilha, até às fotografias para documentos... É muito gira esta parte do contacto com as pessoas, mas a fotografia documental tem uma estrutura completamente diferente. Uma coisa é ter um espaço comercial com porta aberta, com um horário em que se vai gerindo o trabalho, e outra coisa é dedicarmo-nos a projectos durante meses. Na fotografia documental, um projecto pode durar muitos meses, em que estamos dois, três ou quatro meses a fazer trabalho de campo, e ainda outros vários meses a fazer a edição. São trabalhos completamente diferentes. E o trabalho de investigação também é muito exigente.

Quando percebeste que a fotografia documental seria a área a que te dedicarias profissionalmente?

PB - Eu comecei por fazer algumas viagens sozinho, sobretudo pela Europa. Viajava muito sozinho. Nestas viagens comecei a ganhar algum gosto pela fotografia de rua, pela fotografia de autor. Tirei o curso no Instituto Português de Fotografia, no Porto, e isto foi também um marco na minha carreira, porque foi nesta altura que decidi o que é que queria fazer.



Na fotografia, podes enveredar por muitas áreas – fotografia de moda, fotójornalismo, fotografia documental, publicitária... Mas foi precisamente durante o curso que fiz no Instituto Português de Fotografia que percebi que a minha paixão era o fotójornalismo e a fotografia documental. Depois de fazer o curso, fui afunilando as temáticas dos meus trabalhos e acho que as exposições que daí resultaram também começaram a ganhar alguma coerência. Por isso, penso que o curso terá sido a fase mais marcante da minha carreira, porque foi um ponto de viragem na decisão sobre o que eu queria fazer com a fotografia.

Que trabalho mais te marcou ao longo do teu percurso?

PB - Posso dizer que há alguns trabalhos que me tenham marcado mais do que outros. Por exemplo, a viagem que fiz à Índia em 2012, pouco depois do meu pai ter morrido, foi sem dúvida uma viagem muito importante. Foi um momento muito introspectivo na minha vida, uma altura em que cresci muito pessoalmente. Este crescimento pessoal também acabou

por contribuir para o meu crescimento profissional. Penso que aquilo que sou profissionalmente vai depender sempre daquilo que sou enquanto pessoa. As questões técnicas acabam por andar à margem daquilo que é a grande estrutura de um fotógrafo documental, que vive muito da ligação às pessoas. Acho que isto é que é realmente importante. E esta viagem à Índia foi muito importante neste aspecto, porque realmente me transformou bastante. Daí, surgiu uma exposição, em co-autoria com Daniel Gonçalves, chamada “Rumores para a transparência do silêncio”. Depois desta viagem, creio que a mais marcante terá sido o trabalho a bordo dos bacalhoeiros portugueses, no mar da Terra Nova.

Com a evolução dos meios tecnológicos e do mundo digital, estamos a assistir a uma banalização da fotografia?

PB - Diria mais vandalização. Actualmente, assiste-se a uma vandalização da informação em geral. Acho que o que está a acontecer é que, todos os dias, é nos de-

bitada imensa informação e é como Óscar Wilde diz: Uma pessoa que não lê jornais é uma pessoa desinformada. Uma pessoa que lê jornais é uma pessoa mal informada... Basicamente, o que isso significa é que há muita informação, muita contrainformação, e as pessoas hoje em dia começam a perder a capacidade de distinguir o que é uma coisa e o que é que é outra. Isso acontece também com a fotografia. Temos as redes sociais que são optimizadas para viverem da imagem, mas a ficar imunes à fotografia. Por outro lado, esta abertura de informação faz com que tenhamos acesso mais facilmente a fotógrafos de todo o mundo, que antes estavam escondidos aos nossos olhos.

Começo a notar também que, apesar de haver esta banalização/vandalização da fotografia no cenário digital, acontece também que estamos todos a melhorar enquanto fotógrafos. Estamos todos a aprender uns com os outros. Mesmo na fotografia amadora a fasquia tem se elevado. Ou seja, há muito mais gente a fotografar, o que faz com que haja cada vez mais bons fotógrafos.